

História de impacto

Fundação Aga Khan Portugal *

Raquel Campos Franco

Investir nos cruciais primeiros anos de vida, através do Programa das Amas¹

Ama desde 2001, Emília Laranjeira iniciou a sua atividade ligada à Segurança Social e transitou para a alçada da Fundação Aga Khan a partir do momento em que esta assumiu a gestão do Centro Infantil Olivais Sul². *“Com a Segurança Social não tinha grande apoio para o trabalho com os meninos (...) Deram-me cadeiras e uma mesinha e pronto”,* partilhou Emília.

“Mas os meninos não podiam estar todo o dia a brincar só por brincar. Comecei a arranjar lápis, canetas, comecei a fazer por mim e elas acharam bem. Íamos à rua e trazíamos um bichinho, ou umas folhinhas. ... Mas não passava disto.”

Página | 19

Explica que a visitavam para ver, para saber o que os pais diziam, mas *“não havia um valorizar do que os meninos faziam.”* Chegou a criar um painel na sala, onde expunha os trabalhos dos meninos, e eles sentiam-se valorizados, *“quando os pais chegavam, iam a correr mostrar”,* mas como diz, *“foi por mim, não havia nenhuma orientação,*

* Publicação original: Franco, R. (Coord.), et al. (2021). História de Impacto. Investir nos cruciais primeiros anos de vida através do Programa das Amas. Fundação Aga Khan Portugal. In R. Franco (Coord.), A., Lourenço, C. Azevedo, L. Sopas, & L. Fernandes. *Estudos de Caso - Parte integrante do estudo O Impacto Social das Fundações Portuguesas* (pp. 11-27). Centro Português de Fundações.

A revista Aprender agradece à autora do artigo e ao Centro Português de Fundações a autorização para a sua republicação e por todas as facilidades concedidas.

Esta republicação obedece ao texto disponibilizado pela autora, Raquel Franco

¹ Esta história baseia-se nas entrevistas à Dra. Alexandra Marques a 27.1.2021 e a 2.2.2021 (Diretora de Educação da Fundação); à Ama Emília Laranjeira a 15.2.2021; à Dra. Mónica Brazinha a 15.2.2021 (Educadora de Infância, Coordenadora do Programa das Amas), e à Dra. Zara Merali (Técnica de Monitorização e Avaliação); e à Prof. Doutora Isabel Correia a 16.2.2021 (Formadora da Bolsa associada ao Programa das Amas, Educadora de Infância, com experiência em várias funções e formação académica na área da formação de adultos), bem como em vários documentos disponíveis no site da Fundação/AKDN (Relatórios & Contas 2017, 2018, 2019, Brochura de 2018 sobre a Aga Khan Development Network, relatório “The Ismaili Imamat and the Aga Khan Development Network in Portugal”), no site do Centro Infantil Olivais Sul e em vários documentos fornecidos pela Fundação.

² A Fundação Aga Khan denomina-o internamente “Centro Integrado, Criança, Família, Comunidade”.



porque não se valorizava o trabalho das crianças; as nossas avaliações eram feitas pela nossa entrega, pelas nossas iniciativas, mas o trabalho da criança não era valorizado.” Entretanto veio a Fundação, fizeram reuniões com as amas, *“quiseram saber os nossos interesses”,* como recorda Emília. *“Quando se começou a entrar na Pedagogia de Participação, de que eu gosto imenso, (...) é por a criança em primeiro lugar, e não o adulto, é valorizar o que fazem, incluir os pais nas suas aprendizagens (...)”.* Reconhece o trabalho da Fundação, realizado *“com muita entrega, muita explicação, muita paciência”.*

“Para mim abriu-me o horizonte, as perspetivas, levou-me a aperfeiçoar ainda mais o meu trabalho e saber enquadrar todos estes ensinamentos. Como ama eu nunca tinha aprendido isso. Desde que a Fundação se aliou à Segurança Social (...) eu falo por mim, os meus horizontes abriram-me todo um saber, toda uma aprendizagem.”

A Fundação Aga Khan

A Fundação Aga Khan Portugal é uma agência da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento (AKDN). Foi instituída em Portugal a 30 de março de 1996 por Sua Alteza o Aga Khan, pela Fundação Aga Khan Reino Unido e pela Fundação Aga Khan com sede na Suíça. A atividade da Fundação Aga Khan em Portugal remonta, contudo, a 1983, por intermédio da Fundação suíça. É equiparada a Instituição Particular de Solidariedade Social desde 1997.

A Fundação Aga Khan Portugal pretende, acima de tudo, promover a inclusão social, cultural e económica, contribuindo dessa forma para a construção de uma sociedade plural com uma ética cosmopolita, ambicionando melhorar a qualidade de vida da população. Para o efeito, elegeu agir em cinco áreas temáticas em Portugal: **sociedade civil, seniores, inclusão económica, educação, e educação e desenvolvimento de infância.** No âmbito da Educação e Desenvolvimento de Infância intervêm desde o pré-natal até aos 9 anos (abrangendo assim todo o 1º ciclo do ensino básico), e na área da Educação intervêm dos 10 anos em diante. As cinco áreas são trabalhadas através de dois programas principais: o Programa K-Cidade e o Programa de Educação e Desenvolvimento de Infância. Estes focam-se no ciclo de vida das pessoas, através da investigação-ação de soluções inovadoras e sustentáveis nessas áreas. O trabalho é desenvolvido principalmente através de parcerias estratégicas com o Governo, o Patriarcado de Lisboa, universidades, associações profissionais, outras fundações, organizações da sociedade civil, empresas, incluindo a integração em iniciativas desenvolvidas no âmbito de programas da Comissão Europeia e da OCDE.

Quando a Fundação iniciou a sua atividade em Portugal realizou um diagnóstico de necessidades, para compreender onde poderia acrescentar mais valor. O tema da infância emergiu como fundamental também neste país, como já o era noutras geografias onde a Rede Aga Khan para o Desenvolvimento opera. Foi, sobretudo, identificada a dimensão pedagógica da educação de infância, que carecia de investigação e de aprendizagem a partir da experiência dos profissionais. É nesta altura que a Fundação procura um parceiro académico para a apoiar no desenvolvimento de

uma abordagem pedagógica participativa, que se veio a concretizar numa parceria duradoura com a Universidade do Minho e, mais tarde, com a Associação Criança.

A Educação e Desenvolvimento de Infância tornou-se, assim, desde cedo, uma área prioritária da atividade da Fundação Aga Khan em Portugal, primeiro através do apoio a outras organizações, e a partir de finais dos anos 90 com atividades próprias, assumindo-se, assim, hoje a Fundação, como quase exclusivamente operativa em todo o espectro de ação.

Os dois programas principais da Fundação Aga Khan em Portugal constituem o âmbito da atuação da organização e albergam dentro de si múltiplos outros programas e ações. O **Programa de Desenvolvimento Comunitário Urbano – K’Cidade** iniciou-se em Lisboa em 2004. Tem como objetivo o desenvolvimento de processos de mobilização de pessoas e organizações para a construção de sociedades plurais, fortes e seguras. Quando o programa arrancou, a Fundação já tinha experiência na área da infância, pelo que esta área integrou naturalmente o desenho do K-Cidade. Houve sempre pessoas da Educação nas equipas do programa, numa visão multi-input que desde a origem o caracterizou. O **Programa de Educação e Desenvolvimento de Infância**, por sua vez, integra o trabalho desenvolvido no K-Cidade, bem como, em simultâneo, da assunção pela Fundação da gestão do Centro Infantil Olivais Sul, elemento chave na atuação da Fundação nesta área.

A Fundação Aga Khan Portugal tinha em 2019, 103 colaboradores, um ativo total superior a 48 milhões de euros e um fundo de capital de 42 milhões de euros incluindo um resultado líquido de 9 milhões de euros. As principais fontes de financiamento da Fundação são as contribuições e donativos efetuados por Sua Alteza o Aga Khan, juntamente com o cofinanciamento mobilizado através de propostas apresentadas a organizações governamentais (incluindo autarquias), instituições europeias, bem como a outras instituições e fundações nacionais e internacionais, para o desenvolvimento de projetos de inovação comunitária.

O Programa que pretende assegurar às crianças um bom começo de vida

O Programa de Educação e Desenvolvimento de Infância valoriza os primeiros anos de vida e coloca o foco na qualidade do ecossistema criança-família de forma a fortalecer sistemas e instituições que invistam no desenvolvimento das crianças, das famílias e dos profissionais. Procura a sustentabilidade alicerçada em processos de desenvolvimento profissional contínuo e formação em contexto de professores e promove o intercâmbio de práticas, numa lógica de investigação-ação que valoriza a pedagogia da infância participativa, em particular a Pedagogia-em-Participação, abordagem da Associação Criança desenvolvida pelos Professores Júlia e João Formosinho da Associação Criança (ver caixa).

A Pedagogia-em-Participação

A Pedagogia-em-Participação é a perspetiva educativa no Centro Infantil Olivais Sul e trata-se da criação de ambientes pedagógicos em que as interações e as relações sustentam atividades e projetos conjuntos que permitem à criança e ao grupo coconstruir a sua própria aprendizagem e celebrar as suas realizações. No coração das crenças, valores e princípios desta perspetiva educativa está a democracia. Os centros de educação deverão então ser organizados para que a democracia seja simultaneamente um fim e um meio, tanto no âmbito das grandes finalidades educativas como no âmbito de um quotidiano participativo vivido por todos os atores.

Adaptado de Oliveira-Formosinho, J. e J. Formosinho (2013), A Pedagogia-em-Participação:

A perspetiva educativa da Associação Criança, Porto Editora.

O Programa teve origem quando a Fundação assumiu a gestão do **Centro Infantil Olivais Sul (CIOS)**, em 2009, a convite do Instituto de Segurança Social (ISS, IP), que assim vinha reconhecer a atividade que a Fundação já desenvolvia na dimensão pedagógica da infância. A Fundação Aga Khan em Portugal não tem na sua missão a gestão de equipamentos, o que acontece noutras geografias, pelas mãos de uma outra agência da AKDN. Mas a Fundação acabou por aceitar o repto do ISS, IP e encarar esta assunção como uma oportunidade. O protocolo foi assinado ao fim de dois anos de negociações, tendo a Fundação assumido então o CIOS, que significava passar a gerir uma creche, creche familiar e um jardim-de-infância. Este Centro infantil, que já era conhecido pela excelência das suas atividades enquanto parte da rede pública, tornou-se, com a Fundação Aga Khan, num laboratório vivo para partilhar conhecimento, inspirar outros e a partir do qual se desenvolvem programas que colocam em prática os princípios da participação, equidade, a Investigação-Ação, a Pedagogia-em-Participação e se procura concretizar a visão pluralista e de qualidade de vida por via da educação. A atividade na área da infância, que vinha a ser desenvolvida no âmbito do Programa K-Cidade, passa então para este novo Programa. São quatro os seus focos: **(1) integração e qualidade de serviços, (2) literacia, (3) parentalidade e (4) cuidadores**, tendo estes dois últimos como prioridade contribuir para a melhoria das práticas profissionais e organizacionais nos serviços para famílias desde o período pré-natal até aos 3 anos.

- (1) A **integração e qualidade de serviços**, por sua vez, pode ser entendida de três formas: (a) integração entre setores que atuam na área da infância – pode ser a cultura, a educação, a saúde, a justiça, a segurança social, são todos chamados a intervir; (b) integração ao longo dos momentos de transição na vida das crianças, que se desejam seguras, com significado, e que não representem ruturas; e, finalmente, (c) integração ao nível da governança, seja nacional e local, ou regional e local.
- (2) Em 2019, e no âmbito da **formação em contexto**, a Fundação formou 19 formadores de 7 organizações em Pedagogia-em-Participação; em literacia familiar formou 308 professores e professores bibliotecários, em parceria com a Rede de Bibliotecas Escolares e com a Direção-Geral do Livro, Arquivo e Bibliotecas, no âmbito do Programa Conto Contigo, com apresentações em 8

eventos científicos; formou em contexto 75 educadores (Alcochete, Coimbra, Porto); e produziu as Brochuras Ler + Dá Saúde, em parceria como Plano Nacional de Leitura, que chegaram a 300 Unidades de Saúde Familiares.

- (3) No âmbito da promoção da **parentalidade** foram dados contributos para o desenho da Estratégia de Intervenção Integrada com Crianças e Jovens para a Cidade de Lisboa 2020-2030 liderando o Subgrupo de Trabalho de Crianças e Jovens - Competências parentais, no âmbito do Plano de Desenvolvimento Social de Lisboa; e foram produzidos novos recursos no âmbito do Programa Gerar.te – Modelo ecológico de desenvolvimento parental para a infância (conceção – 6 meses) para apoiar a escala através do sistema nacional de saúde. (4) O âmbito dos cuidadores será aprofundado a seguir.

Toda a atuação da Fundação Aga Khan em Portugal resulta de uma visão holística e integrada do desenvolvimento da infância por um lado, e do desenvolvimento comunitário por outro, com o objetivo de melhorar práticas e políticas.

O Programa de Formação e de Capacitação de Amas e Outros Cuidadores de Crianças Pequenas da Fundação Aga Khan

Desde 2016 que a Fundação Aga Khan tem vindo a desenvolver ações centradas na promoção do desenvolvimento profissional de amas e outros cuidadores em contexto de educação e cuidados da infância em creche e creche familiar. Como afirma Alexandra Marques, Diretora de Educação da Fundação Aga Khan, “*é um dos nossos principais programas e radica no que nós, como gestores do CIOS, podemos conhecer*”. A creche do CIOS tinha associada a si uma creche familiar, que consistia num conjunto de amas apoiadas pelas educadoras do Centro infantil que, nas suas casas, cuidavam de crianças entre os 3 e os 36 meses, cada ama com 4 crianças. Quando transitou para a gestão da Fundação, eram 19 as amas do CIOS. As creches familiares em geral, tipicamente, tinham na sua génese pessoas, sem formação específica, muito centradas nos cuidados, sem qualquer dimensão educativa. Nas palavras de Alexandra Marques,

“obviamente que as crianças têm que estar cuidadas, alimentadas, devem dormir, devem estar limpas, mas a ama pode e deve ser muito mais do que isso, sobretudo se faz parte de uma creche familiar que tem por detrás uma âncora que é uma creche, um espaço de educação formal com educadores e equipas”.

A intervenção da Fundação Aga Khan neste âmbito começou, então, pelo experimentar de uma forma completamente diferente de gerir a creche familiar, dando-lhe uma dimensão educativa que não tinha antes. Este programa foi chamado de “Construindo pedagogias participativas na creche familiar”. Com base numa abordagem de Investigação-Ação, o programa centrou-se na adaptação e experimentação de uma **abordagem educativa participativa** para creche familiar, através de supervisão, acompanhamento e formação, visando a prestação de um serviço integrado de qualidade. A questão que pautava todo este trabalho era a seguinte: *Como é que se*

trabalha com estas profissionais valorizando a dimensão de aprendizagem da criança para lá do desenvolvimento conseguido através do cuidado? (ver caixa)

O trabalho inicial da Fundação com as Amas, no Centro Infantil Olivais Sul

Como explica Mónica Brazinha, técnica de Educação e responsável pelo Programa das Amas e da creche familiar durante a sua existência: *“no início focamos, por exemplo, na questão do espaço e materiais - de que forma é que as amas olhavam para o espaço, para os materiais que tinham, se eram materiais que realmente possibilitavam uma diversidade de experimentação por parte da criança, ou não, ou eram aqueles objetos mais estereotipados que obrigam ao uso imediato (...), fomos trabalhando com a exploração de materiais naturais. (...) Começámos a falar da conceção da imagem da criança e do papel dos adultos (...) A importância dos técnicos era fundamental pela questão pedagógica, mas elas (as amas) (...) tinham uma função educativa que era muito importante, porque elas é que estavam, no dia-a-dia, com aquelas crianças. Portanto, poderem assegurar que a rotina era pensada, flexível de qualquer forma, respeitando na mesma aquilo que era o dia a dia em casa. (...) tudo isso foi pensado conjuntamente com cada ama, individualmente. Manter esses hábitos que eram bastante ricos para as crianças, as idas ao exterior, o convívio com outros, naquele ambiente que as amas no fundo proporcionam, um ambiente familiar, ambiente muito próximo daquilo que as crianças têm em casa. Mas (...) quisemos que elas também pensassem na dimensão educativa, no papel do adulto na faixa etária que é crucial, dos 0-3. Portanto, em articulação com as técnicas, em articulação com o resto da equipa do Centro Infantil, também envolvendo as colegas da creche e do jardim de infância, haver uma maior proximidade também entre as amas e a própria instituição em termos físicos. Poderem vir mais vezes à instituição, e assim alargar as redes de contacto das crianças, para também aumentar a sua confiança e o seu sentido de segurança a estarem com mais adultos e mais crianças do que aquelas que eram o grupo dos quatro (com a ama).”*

O programa, na fase de arranque da gestão do Centro infantil, envolveu diferentes etapas, que incluíram desde a organização do espaço da casa das amas, dos seus tempos, à supervisão das amas e à utilização do espaço da creche do CIOS. Foi alicerçado num contexto de formação contínua das amas da creche familiar, como forma de assegurar o seu desenvolvimento profissional, bem como ajudá-las a construir um ambiente de aprendizagem significativa para as crianças, com a participação das famílias.

Entretanto a Fundação acabaria por encerrar a sua creche familiar por reforma das amas e por um enquadramento legal emergente que dissuadiu a adesão à atividade por parte de potenciais interessadas. Mas o trabalho da Fundação nesta área não parou, pelo contrário.

Disseminar para gerar mais impacto na educação de crianças pequenas – os guias, a formação e acompanhamento, a sensibilização

Falar de impacto social da Fundação Aga Khan na área da Educação e Desenvolvimento de Infância implica, necessariamente, começar pelo Centro Infantil. O impacto do Centro deriva de uma visão holística e integrada alicerçada numa pedagogia de infância explícita e da sua aplicação em contexto comunitário, o que resulta na melhor qualidade de vida das crianças. E são mais de 160 crianças que passam pelo Centro por ano. Além disso, como refere Alexandra Marques, *“na área da infância,*

nomeadamente através do Instituto de Segurança Social e do Ministério da Educação, a Pedagogia-em-Participação é sempre referenciada como uma abordagem a ter em consideração quando se fala na qualidade na educação de infância.”

Há depois o impacto nas amas, como testemunha Alexandra Marques:

“Ao nível do Programa das Amas há um impacto muito visível naquilo que foi o trabalho direto com a creche familiar do CIOS, no modo como estas profissionais evoluíram naquilo que era a sua autoestima, a sua identidade profissional e o modo como atuavam.”

Especificamente na área do Programa das Amas, o impacto gera-se hoje, sobretudo disseminando. Via guias que se redigem e difundem, formação que se desenha e organiza, e sensibilização que se faz

“num diálogo contínuo com outras instituições, com a tutela e procurando inovar com propostas concretas que permitam qualificar outros profissionais, nomeadamente, amas e supervisoras de creche familiar, redefinindo outras respostas que alarguem a cobertura de serviços para crianças até aos 3 anos.”
(Alexandra Marques)

(1) Os Guias

A partir do conhecimento adquirido, também pela experiência, e na linha da ambição da Fundação de melhorar práticas e políticas, e de trabalhar com uma abordagem de investigação, a Fundação começou a redigir o que aprendera. Assim, e para suportar a disseminação das aprendizagens, editaram em 2015 um Guia para Amas e Outros Cuidadores, que inclui o Guia de Formação, e mais recentemente, em pré-lançamento, o Guia de Supervisão. Este último guia tem uma vertente pedagógica e não técnica por si só, valorizando o papel educativo da ama, cuja supervisão tem que ser assegurada pelo enquadramento de um técnico com formação em pedagogia.

(2) A Formação e o acompanhamento

O desafio sentido pela Fundação Aga Khan com a sua creche familiar era apenas uma pequena parte da realidade por todo o país. Assim, e em linha com a forma de atuação da Fundação, havia que disseminar o aprendido, promovendo o bem comum. Respondendo a um desafio do ISS.IP, desenhou o Curso formativo “Construir Práticas Educativas 0-3”, que arrancou no ano letivo 2017/18 apoiado numa bolsa de formadores, constituída em parceria com a Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI) e com a Fundação Bissaya Barreto, e que se constitui como uma comunidade de aprendizagem. A Bolsa integra hoje 11 profissionais, especializados em educação de infância e na formação de adultos, com uma ampla experiência na área. Desde então, formaram 130 profissionais, entre amas e auxiliares de educação em creche, neste que é um curso de formação contínua, de 25 horas. Para além destas ações de formação, a Fundação realizou também outras iniciativas certificadas pela APEI: (a) Sessões Temáticas (4 horas) e (b) 4 *Webinars* (90min), ambos tendo como destinatárias educadoras-técnicas de enquadramento de creche familiar. Em preparação está ainda

um curso de formação inicial de 150 horas, que poderá vir a ser realizado para a ama aceder à profissão, mediante condições previstas em legislação recente.

Assim, a Fundação desenvolve um modelo de intervenção que transcende o Centro Infantil, disseminando o que aprende para que outros aprendam também. (Figura 1)



Figura 1 | A forma de operar da Fundação Aga Khan, no domínio do Programa das Amas e outros cuidadores

(Fonte: equipa do estudo)

Como partilhou Isabel Correia, formadora da Bolsa e com ampla experiência em diversos domínios ligados à educação de infância:

“Eu estou em crer que, fazendo esta aposta - começamos por um pequeno grupo e vamos conseguindo, ampliando e disseminando esta formação -, eu penso que vamos, com toda a certeza, contribuir para termos pessoas mais qualificadas, e para podermos inclusivamente contribuir para termos um atendimento de mais qualidade para crianças dos 0 aos 3 anos, porque temos um grande défice a esse nível. Precisamos, efetivamente, de aumentar, além do número de respostas, a qualidade dessas respostas. (...) e não só do ponto de vista das crianças (...), estamos também a pensar nas famílias – eu capacito estas profissionais, que por sua vez ficam mais capazes para intervir com estas crianças, e elas adquirem conhecimento para poderem também disseminar junto das famílias. (...) porque deixamos de ter a família tradicional (...) e estamos perante famílias que não têm suporte (...) e a pessoa próxima pode ser a ama.”

Assim, o impacto não é só ao nível da criança, mas ao nível da família. O impacto é ainda maior, que é o de “qualificar as nossas comunidades”, acrescenta Isabel Correia. No que respeita a qualificação das amas, Isabel Correia salienta também a importância de as capacitar para que sejam capazes de apoiar os pais no processo de deteção precoce de deficiências no processo de desenvolvimento das crianças. Estando as crianças em amas 8, 9 horas por dia, os pais quase não as veem brincar. As amas, pelo contrário, são observadoras privilegiadas do processo de desenvolvimento destas crianças, e têm, segundo a especialista e formadora, que ser ensinadas a ler sinais indiciadores de deficiências no desenvolvimento das crianças que cuidam. Daí, sugere, a formação tem que contemplar esta dimensão, articulando com os profissionais de

intervenção precoce, serviço ancorado em três Ministérios, integrando profissionais de Saúde, Educação e Segurança Social, como é o caso de Isabel Correia.

A formação implica também acompanhamento. Nas palavras de Alexandra Marques:

“O modo de trabalhar é em si mesmo um modo de aprender e de inspirar e influenciar outros, enquanto implementadores. A estratégia de escala está radicada na formação de profissionais que possam apropriar-se deste know-how sistematizado por nós e que possam fazer uso dele, sendo que nós não nos retiramos do processo, mas da responsabilidade de fazer a implementação. É uma lógica de tornar um bem comum aquilo que conseguimos fazer com outros. Não retemos para nós. Mas não nos retiramos também do processo a partir do momento que formamos outros. Vamos acompanhando, queremos monitorizar. E esse é um processo que estamos a aprender a fazer também. Porque a Fundação tem esta perspetiva de produzir conhecimento, implementar, sistematizar e colocar ao dispor de outros.”

(3) A sensibilização

Apesar destes desenvolvimentos, que se sedimentaram, primeiro, no CIOS, e se disseminaram, via formação e produção de recursos da iniciativa da Fundação Aga Khan, o enquadramento legal não é, ainda, propiciador de melhores condições para o desenvolvimento da educação da infância. Não só porque as crianças mais pequenas não estão incluídas no sistema educativo, como a legislação enquadradora das amas não é impulsionadora da profissão. De facto, a Lei de Bases do Sistema Educativo deixou, em 1986, as crianças mais pequenas fora do sistema educativo. Mas em 2009 o Conselho Nacional de educação emitia uma visão diferente da patente na lei (ver caixa).

Crianças dos 0 aos 3 anos continuam fora do sistema educativo português

A Lei de Bases do Sistema Educativo Português não inclui a educação dos 0 aos 3 anos. Em 2009 foi consagrada a universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos 5 anos de idade, mas não se integrou a educação em Creche no sistema educativo português. Continuam a existir carências graves em termos de quantidade de creches disponíveis, e na qualidade do atendimento à primeira infância. A educação e cuidados das crianças dos 0-3 anos no nosso país é tutelado pelo Ministério do Trabalho e da Segurança Social. O serviço é assegurado por uma rede de creches e de creches familiares ou amas, pertencentes a instituições sobretudo de solidariedade social. Há grande diversidade na qualificação e qualidade do acompanhamento das crianças.

Assim, “a creche deve irradiar um serviço de creches familiares e de amas, monitorizado pelos serviços da própria creche, que garanta a formação e supervisão das amas. Estas poderão fazer trabalho de campo (estágio) na creche e visitá-la regularmente com o respetivo grupo de crianças. A supervisão das amas deve ser assegurada (...) por educadoras supervisoras que, conjuntamente com as amas, assegurarão o acompanhamento do trabalho pedagógico, mas também, a deteção precoce de necessidades das crianças.”

Recomendação “A Educação dos 0 aos 3 anos”,
Conselho Nacional de Educação, Teresa Vasconcelos, março 2011

O enquadramento legal da atividade das Amas (ver caixa) tem limitado o acesso à profissão. A intenção de se passar de uma ‘atividade’ para uma ‘profissão’ veio associada a um

conjunto de exigências, nomeadamente de qualificações que é de valorizar, mas a um processo de licenciamento que tarda em ser cabalmente implementado e a resposta de potenciais interessadas não está a ser a desejada. Desde a implementação da Lei em 2015 até janeiro de 2021, efetivamente, só existem 15 amas em regime livre³.

O enquadramento legislativo principal da atividade das Amas

Decreto-lei nº 115/2015: Estabelece os termos e as condições para o acesso à profissão de ama e o exercício da respetiva atividade, bem como o regime sancionatório aplicável àquela atividade.

Portaria nº 213/2015: Procede à fixação das taxas, quer pela emissão da referida autorização, quer pela sua substituição.

Portaria nº 226/2015: Sobre o seguro obrigatório de acidentes pessoais das crianças em Ama.

Portaria nº 232/2015, de 6 de agosto: Define os termos a que obedece a creche familiar.

Despacho nº 8243/2015: Definição do equipamento e do material necessários ao exercício da atividade de Ama e as condições de higiene e de segurança habitacionais.

Decreto-lei nº 94/2017, de 9 de agosto: Termos e condições para o acesso à profissão e o exercício da atividade de Ama.

Ver, ainda: <https://eportugal.gov.pt/fichas-de-enquadramento/como-iniciar-a-atividade-de-ama>

Segundo o ISS.IP, são hoje 1.837 as amas existentes em Portugal, repartidas pelos seguintes tipos: 207 enquadradas no ISS, 1.615 enquadradas em creches familiares de IPSS, além das 15 em regime livre já referidas. Desconhece-se a dimensão do fenómeno de amas ilegais, mas existe e, segundo especialistas, cresceu nos últimos anos. E isso consiste num risco social tremendo, como explica Alexandra Marques:

“não só para as crianças e os seus pais, como para as próprias amas, assim desprovidas de proteção em termos de condições laborais. As próprias famílias ficam também de fora da possibilidade de participação do Estado para as mensalidades, como as que têm nas creches de Instituições Particulares de Solidariedade Social. Além disso, em territórios mais despovoados, com menos crianças, não existe forma de viabilizar estruturas de creche.”

A Fundação Aga Khan tem já em marcha um projeto de promoção de constituição de uma cooperativa de amas, que procurará responder a uma parte destes problemas. Como explicou Zara Merali, Técnica de Monitorização e Avaliação no Programa das Amas, espera-se um piloto para breve, para testar o conceito e o trabalho com os parceiros. *“É um trabalho em sistema, porque envolve diversos atores, cada um com os seus papéis e responsabilidades para a criação de uma resposta.”* Segundo Mónica Brazinha, *“não se trata de fazer promover as amas em detrimento das creches”*, o objetivo do projeto é proporcionar uma maior diversidade de respostas às famílias – a ama como escolha ou quando não há vaga em creche, mas também a ama para complementar horários praticados pela creche, ou simplesmente como apoio quando os pais precisam de se ausentar para algum compromisso, nos casos em que optaram

³ Dados fornecidos pela Segurança Social à Fundação Aga Khan.

por ficar em casa com a criança. Este projeto parte da consciência de que as necessidades das famílias continuam a ser muito superiores às respostas existentes. E que as amas, devidamente qualificadas e apoiadas no seu desenvolvimento profissional, podem desempenhar um papel fundamental na etapa crucial do desenvolvimento das crianças, dos 0-3 anos e no alargamento das respostas, cuja cobertura nacional é atualmente de 51%, diversificando as respostas.

“Tal não significa não investir na creche e no tanto que há ainda a concretizar, mas sim incluir outros serviços qualificados, em que a creche familiar e as amas podem ser estratégicas para garantir que o direito à educação de qualidade é assegurada por uma rede profissional e com uma visão holística e integrada de suporte à parentalidade”. (Alexandra Marques)

Notas sobre a autora:

Raquel Campos Franco

rcampos@ucp.pt

Católica Porto Business School

ORCID: 0000-0003-2524-4397

Página | 29

A autora declarou a não existência de conflito de interesses

Recebido em: 28/04/2023

Aceite, em 12/06/2023